



CONTROLE QUE EXIGE DISCIPLINA



Perdas quantitativas e qualitativas na produção são alguns dos efeitos que a cigarrinha-da-raiz pode causar. Ela vem ganhando terreno no Estado de São Paulo e seu controle é uma questão de disciplina por parte dos produtores, que devem monitorar os níveis de infestação para agir na hora certa e prevenir prejuízos ainda maiores

A erradicação das pragas e doenças que vêm ganhando espaço nas lavouras brasileiras tem-se mostrado cada vez mais de difícil ou até de impossível. Nestes casos, a convivência é a única solução. É o caso do bicudo do algodão, da ferrugem asiática da soja e da vassoura-de-bruxa do cacau, entre várias outras. Além dos prejuízos causados, elas requerem do produtor mudanças no manejo da plantação. Elas dizem respeito à prática diária de trabalho, com mais disciplina para fazer um controle cuidadoso da lavoura.

Com a diminuição da queima das folhas da cana antes da colheita, a presença da *Mahanarva fimbriolata*, mais conhecida como cigarrinha-da-raiz da cana-de-açúcar, tem aumentado no Estado de São Paulo. Uma praga como essa chega para mudar a rotina do produtor e, se este não se dispuser a adotar medidas de controle permanentes, como o monitoramento constante da infestação, por exemplo, ela pode comprometer até 60% da produção.

A presença da cigarrinha-da-raiz nos canaviais não é nenhuma novidade, mas o que acontece é que, anteriormente, com

a queima, as populações do inseto eram reduzidas drasticamente. À medida que o fim dessa prática avança, avança também a cigarrinha. O pior é que, além das perdas quantitativas com a diminuição da produção, as lagartas da cigarrinha-da-raiz geram também perda qualitativa, uma vez que contaminam a matéria-prima que é industrializada, atrapalhando seu rendimen-



Uma das características da cigarrinha é a presença de uma espuma branca e espessa

to. Números do Instituto Biológico (IB), órgão da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta), revelam que a distribuição da praga em São Paulo está mais limitada às áreas de corte mecanizado, que abrangem mais ou menos 40% de 3,5 milhões de hectares.

Controle biológico

De acordo com José Eduardo Marcondes de Almeida, agrônomo e pesquisador da área de Entomologia do IB, o controle biológico é um método eficiente e barato de combate à praga. Através do fungo *Metarhizium anisopliae*, inimigo natural das cigarrinhas, é possível controlar a populações do inseto e conviver com níveis aceitáveis de dano.

Depois de aplicado na lavoura e de germinar, os fungos penetram na cigarrinha em até três dias. O período de colonização ocorre de dois a quatro dias e a esporulação em dois a três dias, dependendo das condições do ambiente. O ciclo total da doença, que desencadeará a morte da cigarrinha, dura entre oito e dez dias.

Os primeiros trabalhos com o manejo integrado de cigarrinhas foram feitos na Região Nordeste. Lá, mais precisamente em Alagoas, trabalhos realizados de 1977 a 1991, mostraram que o *M. anisopliae* foi capaz de reduzir em 72% os índices de manifestação dessa praga. Entretanto, para chegar lá, é necessário fazer o monitoramento da infestação.

Em São Paulo, o IB vem desenvolvendo pesquisas de controle biológico da cigarrinha-da-raiz com o fungo *M. anisopliae*. O projeto temático, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), conta com a parceria da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (EsalqQ/USP) e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Araras).

Monitoramento contínuo

O monitoramento do canavial deve ser feito a cada 15 ou 30 dias, dependendo do histórico da área. Se for uma área de alta infestação anterior, deve se monitorar a cada 15 dias. A orientação dos técnicos é que seja feito em dois pontos distintos de cada hectare. Para fazê-lo, o produtor deve usar um gabarito de dois metros. Ele escolhe o ponto da lavoura, afasta a palha, faz a contagem do número de ninfas naquele espaço e depois tirar a média por metro linear. O controle biológico faz-se necessário quando essa média atinge de uma a duas ninfas por metro linear. Para o controle químico, espera-se um pouco mais, em torno de cinco a seis ninfas por metro linear.

"O controle biológico é, na verdade,



Com a queima, as populações do inseto eram reduzidas drasticamente